

Mentalidades e Dominações Masculinas em a “Missa do Galo”

Anderson Figuerêdo Brandão¹
Jacinta Maria Soares Brizeno
Thaíssa Zuchelli Varela Lima

Resumo: Este texto é uma leitura do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, sob a perspectiva da História das Mentalidades, bem como uma análise das relações de poder sob o foco da Teoria de Gênero de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; História das Mentalidades; Gênero.

Mentalities and male dominance in a “Missa do Galo”

Abstract: This work is a reading of the tale “Missa do Galo”, by Machado de Assis, under the perspective from History of the Mentalities, as well as an analysis of power relations under the focus of Pierre Bourdieu’s Theory of Gender.

Keywords: Brazilian Literature; History of Mentalities; Gender

A desobediência a Deus, isto é, ao sacerdote, à “Lei” recebe então o nome de “pecado”; os meios de “reconciliar-se com Deus” são (...) meios com os quais a sujeição ao sacerdote é garantida ainda mais solidamente: apenas o sacerdote “redime” (...) em toda sociedade organizada em torno ao sacerdote os “pecados” são imprescindíveis: são autênticas alavancas do poder, o sacerdote *vive* dos pecados, ele necessita que se peque...

Nietzsche in Anticristo

Na religiosa esfera da sociedade cristã do Rio de Janeiro no século XIX, a Missa do Galo era um evento de considerável importância. Lá, homens e mulheres experimentavam o convívio social negado muitas vezes na vida privada. As famílias optavam por deixar suas moças encarceradas em seus próprios lares, à espera dos

¹ Doutor em Literatura Comparada (UFRJ), Professor da UNIABEU

futuros noivos que seriam escolhidos por seus pais. Para essa escolha, muitos fatores eram levados em conta, como, por exemplo, a situação socioeconômica de seus pretendentes.

Machado de Assis, renomado escritor brasileiro, fez uso de muitos dos seus artifícios literários a fim de escrever “Missa do Galo”, conto que foi publicado pela primeira vez no ano de 1893. Seu objetivo era analisar os aspectos sociais e psicológicos dessa época de casamentos arranjados e de amores impossíveis, visto que a escola literária em vigor, o Realismo, buscava mostrar as contradições que existiam na sociedade, analisando-as criticamente através dos textos literários produzidos nesse período.

O conto narra a história de uma família típica do século XIX, submetida a um regime de regras e costumes que predominavam na sociedade da época, tais como: a separação social entre homens e mulheres, a distribuição de tarefas de acordo com o sexo e casamentos realizados por negociação. O texto possui um número reduzido de personagens, dentre os quais Meneses, Conceição e Nogueira.

Meneses, viúvo de uma das primas de Nogueira, apresenta-se casado pela segunda vez, agora com Conceição. Essa última é descrita como uma mulher simpática, santa e passiva – perfil das mulheres que queriam ser aceitas na sociedade através da realização de um bom casamento.

Nogueira é jovem e inocente. Sua descrição se assemelha aos padrões de comportamentos românticos que perduravam na época. Por exemplo, Machado de Assis cita a sua predileção pela leitura de “romances de aventura”. Ele morava em Mangaratiba, mas estava no Rio de Janeiro hospedado na residência de Meneses e Conceição a fim de estudar.

Conforme dito anteriormente, a Missa do Galo possuía bastante prestígio no contexto social do Rio de Janeiro do século XIX. Com base nas pesquisas de Mary Del Priori, inseridas no livro *A história de amor no Brasil*, a população – principalmente os jovens – aproveitava para observar e iniciar namoros. Vejamos o que a historiadora relata sobre este assunto:

“[...] Tudo era pretexto para reuniões e encontros: São João, Reis, Natal com dança depois da missa, bailes à fantasia em que mimosas pastoras ou lindas escocesas, iluminadas por velas, eram tiradas para dançar. O tempo de festa do Natal, segundo

padre Perereca, era o mais propício para os jovens. Nele se pescavam amores novos e começavam namoricos para o ano inteiro. [...]”
(DEL PRIORI, 2005, p.134)

Ao saber da popularidade desse evento, Nogueira resolveu estender seu período na cidade e combinou com um amigo de comparecerem juntos à celebração. Enquanto aguardava a hora em que deveria chamar o vizinho, ele decidiu ler *Os três mosqueteiros*, romance de Alexandre Dumas, que o encantava, fazendo-o embarcar na leitura como se diante de uma viagem, propiciando uma ambiência misteriosa e aventureira que introduzirá as cenas seguintes entre Nogueira e Conceição.

É nesse momento que o jovem percebe, por meio de ruídos e uma espécie de vulto vindo do quarto, que Conceição chegava à sala, como alguém que não conseguisse dormir. Os dois iniciam um diálogo que, inicialmente, parece tenso e tímido.

No tempo em que se passa o conto, havia determinadas atitudes que não eram aceitas pela sociedade e outras que eram implicitamente impostas pela mesma como, por exemplo, o fato de a mulher não poder ter um amante e o homem sim pois, de acordo com as informações de Del Priori, a mulher nasceu para ser mãe, agradável e detentora de um pudor natural, uma vez que a fidelidade matrimonial era uma tarefa feminina. A falta desta fidelidade, para os homens, era socialmente inevitável, cabendo às suas mulheres suportá-las. O prazer de que os homens queriam desfrutar era com mulheres que se prostituíam. As mulheres do lar eram as “procriadoras”, enquanto eram as prostitutas que satisfaziam os desejos sexuais e saciavam as fantasias dos homens casados ou não.

“[...] Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo, era com a outra.”
(DEL PRIORI, 2005, p.187)

Dentre inúmeros parâmetros pertinentes aos comportamentos sociais, destaca-se a relação de poder e fragilidade, representada por Meneses e Conceição, respectivamente. O primeiro demonstrava uma parcela de seu caráter duvidoso ao expor dois quadros que envolviam mulheres vulgares em sua sala de estar. Caráter este que

não condizia com o comportamento esperado de um homem que, ao menos, mostrasse o mínimo de respeito possível para com sua esposa.

Fato semelhante também é mencionado em *Lucíola*, romance escrito por José de Alencar, cuja história narra a vida de Lúcia, uma mulher que se tornou prostituta devido a problemas familiares e que, em um dado momento do romance, ao compartilhar de um jantar na casa de um personagem, cujo nome é Sá, um homem de má índole, despe-se e imita as poses retratadas em quadros de mulheres nuas expostas em sua parede. Esse personagem que detinha quadros eróticos em sua sala foi o responsável pela inserção de Lúcia no mundo da prostituição.

Toda a sociedade possui valores que regem a convivência entre os homens – maneiras de agir, pensar etc. Tais valores são considerados naturais por meio de um poder simbólico que norteia relações entre os indivíduos. Esse poder rege os indivíduos por meio da aceitação de dogmas, preconceitos, idéias que são tidas como naturais, essenciais, que pertenceriam à humanidade desde o início dos tempos. Ora, o crítico literário que fundamenta as suas reflexões na análise dos acontecimentos sociais presentes nas obras sabe que não há comportamento, ideia ou relação de poder que não tenha sido construído num determinado momento histórico, e que esse mesmo construto pode ser desfeito por meio de uma crítica pertinente.

Esses atos, ações ou reações são essencialmente arbitrários – não pertencem à essência humana, mas foram impostos por uma série de práticas sociais que visam à manutenção de poderes que se estabelecem como tradicionais ao longo do tempo. Esse poder simbólico pode ser observado a partir, por exemplo, da divisão das tarefas caseiras e até mesmo da própria casa, que pode ser dividida em partes “sexuadas” – destinadas a homens ou a mulheres conforme a cultura. Observemos o que Pierre Bourdieu, no livro *A dominação masculina*, nos diz sobre esse fato:

“A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. [...]”

(BOURDIEU, 2005, p. 17)

A forma de poder simbólico em que o masculino é responsável pela influência que exerce sobre o feminino – que o permite – chamamos de dominação masculina. Vejamos outro exemplo:

[...] Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...]. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, veem ser-lhes atribuídos todo o trabalho doméstico [...].

(BOURDIEU, 2005, p. 41)

Entre os trechos, no conto machadiano, onde se percebem os aspectos supracitados, destaca-se o fato de Conceição ter se casado tarde, o que poderia ser um fardo para sua família. A mulher ser casada significava ser aceita no contexto social da época. Esse era um *status* que precisava ser conquistado a qualquer custo, sob quaisquer circunstâncias.

Posterior a este fato, observa-se que Conceição, em seu casamento tardio com um viúvo, desempenhava apenas suas funções feminizadas como, por exemplo, cuidar do lar e organizar as despesas domésticas. Citemos, mais uma vez, Bourdieu:

“[...] A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; [...]”.

(BOURDIEU, 2003, p. 18)

Outra forma de dominação evidenciada no texto é o fato de Meneses manter relações extraconjugais e Conceição, sua esposa, aceitar sem questionar. Dessa vez é Mary Del Priori quem nos esclarece:

“Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de se supor que as relações extraconjugais fossem correntes depois do casamento. O adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. [...]”.

(MARY DEL PRIORI, 2005, p. 187)

Ao aceitar tal situação, Conceição não só contribuía como também reafirmava o poder simbólico masculino que Pierre Bourdieu caracteriza como um princípio imaterial “conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado”. (BOURDIEU, 2003)

Observa-se que Conceição não expõe frequentemente sua opinião ao esposo que, em contrapartida, não se interessa em saber o que sua esposa pensa acerca de quaisquer assuntos, posto que a mulher daquela época era considerada um ser completamente emocional e incapaz de obter sucessos em situações cotidianas.

Enquanto esperava pela hora marcada, Nogueira conversava com Conceição em um tom de voz baixo, para que Dona Inácia, mãe de Conceição, não acordasse.

Nessa ocasião, a mãe de Conceição representa uma espécie de guarda ou vigia que não pode ser acordado, pois representa a manutenção de valores tradicionais que não podem ser perturbados. É cuidando do silêncio, sob o sono de sua mãe, que ocorre a ambígua conversa entre esses dois personagens.

Ao se sentar perto de Conceição, para que esta o escutasse melhor, o jovem observou que, ao cruzar as pernas, ela mesma repreendeu a própria atitude, punindo-se com o cinto que prendia seu roupão, usando-o para bater em seu joelho direito. Consoante Bourdieu, esse tipo de comportamentos seria inaceitável. Vejamos o que o autor escreve acerca deste assunto:

“A cintura é um dos signos de *fechamento* do corpo feminino, braços cruzados sobre o peito, pernas unidas, vestes amarradas, que, como inúmeros analistas apontaram, ainda hoje se impõe às mulheres nas sociedades euro-americanas atuais. Ela simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente constituída em objeto sagrado, e portanto submetido, como o demonstra a análise durkheimiana, a regras estritas de esquiva ou de acesso, que determinam muito rigorosamente as condições do contato consagrado, isto é, os agentes,

momentos e atos legítimos ou, pelo contrário, profanadores. [...]”
(BOURDIEU, 2005, p. 25)

Outro aspecto abordado na análise do sociólogo foi a questão das vestimentas. No momento em que Conceição chegou à sala, Nogueira percebeu que seu roupão estava “mal apanhado” na cintura. De acordo com os pensamentos impregnados nos círculos sociais da época, a maneira como Conceição apareceu na sala – sabendo que Nogueira estava no cômodo – era inadmissível, pois a moral feminina era imposta não só por seu comportamento e pelas funções atribuídas às mulheres, mas também quanto aos trajes e penteados que as mesmas utilizavam. Prestemos atenção ao que Mary Del Priori ressalta:

“[...] O fascínio de um olhar camuflado ou do pezinho da misteriosa criatura funcionava como uma isca para o desejo. Mulheres cobertas por véus aguçavam a curiosidade e o apetite masculino, apetite, contudo, sempre vincado pela preocupação com a situação econômica e de classe. Tais beldades, segundo o mesmo narrador, envolvidas em tecidos que flutuavam em torno de seus cachos, adornadas com laçarotes de cetim, trajando meias de seda, corpetes bordados, enfim, todo o luxo ornamental, se compraziam em elaborados e ‘variadíssimos jogos’, em que o leque era o instrumento de comunicação. [...]”
(DEL PRIORI, 2003, p. 151)

Conceição, apesar de não fugir do padrão e de suas obrigações de esposa em sua conversa com Nogueira, demonstra interesse em seduzi-lo, o que faz com que haja uma discordância em relação aos conceitos analisados por Bourdieu. Mesmo sendo submissa às atitudes de seu esposo, ela ocupa a posição de dominadora a partir do momento que utiliza gestos sensuais para conquistar os olhares de Nogueira, como a cruzada de pernas, as mangas do roupão desabotoadas etc, conforme podemos perceber no próprio fragmento do conto que iremos ler a seguir.

“De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los.”
“Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas.”

“Pouco a pouco, tinha-se reclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderia supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande.”

(ASSIS, Machado de. 1893.p.35)

Conceição e Nogueira não cometem atos sexuais explícitos, o que não anula a sensualidade contemplada em seus movimentos, uma vez que ambos estão envolvidos em um jogo que mescla curiosidade e sedução, sendo aquela por parte do jovem Nogueira e esta por parte da mulher atraente que Conceição se revelou: trêmula diante do desejo ávido de se aventurar em uma nova experiência, dotada de desejos e provocações, que insinuavam as intenções que tinha a respeito do jovem, mas que Nogueira não conseguiu perceber devido à sua ingenuidade.

Conforme os estudos da historiadora e professora, naquela época era comum que os casamentos fossem arranjados pelas famílias dos nubentes, fosse por preservação dos bens familiares, fosse por ascensão social. Desta forma, é possível caracterizar o casamento entre Meneses e Conceição como um ‘casamento de interesse’, visto que Meneses havia casado anteriormente e que Conceição estava adquirindo idade avançada para o matrimônio.

As famílias dos noivos preparavam casamentos que fossem úteis para a estabilização econômica e social de ambos. Assim, era comum que vários matrimônios se realizassem sem que os noivos ao menos se conhecessem.

Observemos as palavras de Mary Del Priori acerca desse aspecto:

“[...] Na documentação desse período, mais e mais o historiador encontra elementos que atestam a ausência de amor como origem de casamentos e mais e mais encontra indícios de que a escolha dos pais era ditada pelo temor de que uma nora escolhida fora do grupo viesse a desestruturar os bens de uma família. Ou sua honra. A reputação de uma esposa “pura” era de fundamental importância nos jogos de poder.”

(DEL PRIORI, 2003, p. 157)

Segundo a mesma autora, havia também os casamentos que eram feitos por conveniência e, conseqüentemente, não era necessário que os noivos cultivassem qualquer tipo de sentimento. Observemos: “[...] os motivos do casamento continuavam a passar longe do coração. [...]” (DEL PRIORI, 2003, p. 156).

Após os acontecimentos descritos, Nogueira retorna à casa onde se hospedara e tudo acontece da maneira como de costume. Vejamos:

Na manhã seguinte, ao almoço falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. (ASSIS, Machado de. 1893, p.35)

Ao início do novo ano, o jovem romântico viajou para Mangaratiba. Três meses depois, ao voltar ao Rio, descobriu que Meneses havia falecido de apoplexia. Entretanto, sua maior surpresa foi saber que Conceição, a imaculada, benigna – pelo dia – e sedutora – durante a noite –, havia se casado com o escrevente juramentado de seu marido.

Reafirmando as características machadianas, o conto “Missa do Galo” atrai a atenção do leitor, fazendo com que o mesmo migre do plano real para o ficcional. Seu desfecho é inusitado: é justamente o contrário do que se espera. Conceição não só casa-se novamente, como seu cônjuge é uma pessoa que mantinha contato com seu falecido esposo.

Dessa forma, Machado de Assis aglutina os acontecimentos sociais contemporâneos aos comportamentos pré-estabelecidos pela mesma sociedade, apontando suas ações contraditórias e expondo suas crises internas, não apenas coletivas, mas também individuais.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DE BARRENECHEA, Miguel Angel. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

DEL PRIORI, Mary. *História de Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DUMAS, Alexandre. *Os três mosqueteiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em 30 de junho de 2010. Aprovado em 6 de outubro de 2010.